



# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda Santa Bárbara**

código  
**AIII- F21 - Val**

localização  
**Rodovia RJ-137 (entre Barra do Piraí e Conservatória - 6º distrito de Valença)**

município  
**Valença**

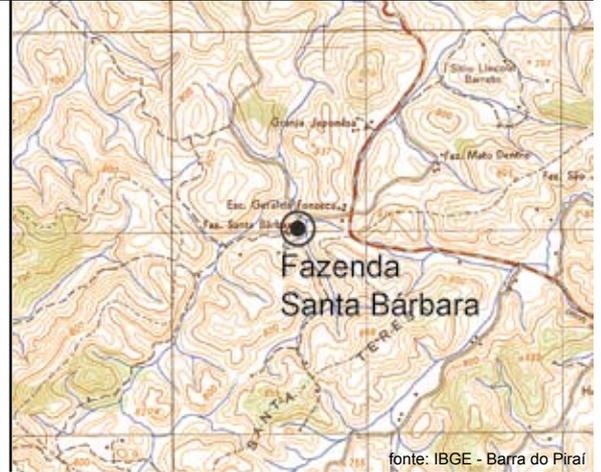
época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**pecuária / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



Fazenda Santa Bárbara, fachada principal

coordenador / data **Sônia Rachid - mar 2009**  
equipe **José Roberto Mendes e Marcos Vinicius Silva Gomes**  
histórico **Roberto Guião de Souza Lima**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**

Seguindo pela rodovia RJ-137, estrada asfaltada, a partir do centro da cidade de Barra do Piraí, sentido Conservatória, percorre-se 17,8 km até a localidade de Desvio Gomes. Ali, junto a Escola Municipal Geralda Fonseca, situa-se o acesso à fazenda. Adiante uns 600 m, alcança-se a sede prosseguindo-se por estrada de terra revestida com bloquetes, margeada por um lago e vegetação esparsa.

O complexo rural está situado num vale, circundado por morros de pastagem, com bambuzais e plantações de cana (f01 e f02). Na chegada, o caminho é atravessado por um riacho e nos leva até a casa-sede, que é resguardada por um portão de madeira recortada, com um muro vazado e cerca viva. O alambique (f03) com a casa de caseiro nos fundos fica localizado a direita desse acesso. Seguindo em frente, o caminho vai para as instalações rurais (f04).

O portão de ferro, junto à estrada, possui as colunas laterais encimadas com pinhas de louça, e abre-se para um caminho ladeado por nativas palmeiras Jerivá, com uma vasta arborização no entorno (f05), além do lago para os patos e veios de água correndo entre a sombra do jardim. A casa-sede esta voltada para a casa de hóspedes, que abriga também uma garagem (f06).



01



02



03



04



05



06

Em frente, o caminho prossegue para as construções de manejo do gado (f07). Para a fachada lateral direita da casa volta-se a grande circulação externa, pois os serviços em geral se ligam com o jardim da piscina, o salão de jogos e o espaço de lazer com churrasqueira. Dando continuidade, aos fundos, segue a casa do caseiro geminada com a lavanderia do casarão, os ranchos para depósitos, o canil e galinheiro desativados. Na fachada lateral esquerda da casa-sede, nove janelas ritmadas e simétricas (f08) se distribuem pelos ambientes correspondentes à sala de visitas, ao banheiro e quartos. À sua frente, destaca-se o belo pomar com oferta de manga, amora, pitanga, banana, figo, uva, abiu, jabuticaba, romã, marmelo, ameixa, conde, lichia, castanha portuguesa, abacate, cítricos, além da horta em área cercada, com o canteiro de ervas na porta da cozinha (f09 e f10).



07



08



09



10

Casa-sede sobre porão baixo, mantendo à sua frente um largo piso cimentado (f11) com jardineiras nas laterais junto à mureta baixa, destacando-se as duas palmeiras imperiais (f12). A mureta tem pilaretes intercalados por gradil de madeira recortada e pintada de azul, assim como o portão, que tem como arremates, dos marcos laterais, coruchéus em pedra talhada (f13). Uma escada em alvenaria, com dois lances e guarda-corpo em madeira, leva ao patamar de chegada e a portada de entrada em duas folhas cegas (f14). Esta, descentralizada do eixo da fachada, mantém duas janelas, à direita, que se voltam a um quarto e a um banheiro e três outras, à esquerda, que dão para o vestíbulo e a sala de visitas.



11



12



13



14

O vestíbulo, subdividido por um vão de verga reta, tem ao fundo uma passagem para a sala-de-estar (f15). Mais à esquerda, em primeiro plano, temos a ampla sala de visitas com banheiro (f16), seguindo, o escritório em dois ambientes (f17), um quarto e a sala de jantar (f18), cuja janela e uma porta se comunicam com o jardim interno (f19).



15



16



17



18



19

Na seqüência, mais três quartos (f20) e dois banheiros, são distribuídos junto a essa sala (f21), sendo que um dos quartos teve a porta que se comunicava com a copa emparedada (f22). Seguindo, uma circulação, com saída para a área de lazer, interliga ainda a copa com a grande sala de estar (f23 e f24) e, esta, a dois quartos e um banheiro.



20



21



22



23



24

A copa conjugada com a cozinha (f25) comunica-se com o exterior por um *hall* que também leva a outra grande cozinha com forno a lenha. No cômodo seguinte, usado como depósito, funcionava o antigo alambique. Finalizando o corpo da casa, a lavanderia com banheiro (f26), cujo acesso é externo, tem em seqüência a casa do caseiro, mantendo o telhado num ponto mais baixo (f27), com telha de capa e bica, sendo os vãos das esquadrias menores, porém da mesma cor do casarão, assim como os ranchos para depósito (f28). O embasamento é na cor “concreto”, as paredes caiadas de branco e os cunhais, beirais e as esquadrias de verga reta na cor azul. Estas apresentam guilhotinas externas com caixilhos pintados em branco, sendo os vidros coloridos em vermelho e verde e, internamente possuem duas folhas cegas. Nas janelas dos banheiros dos fundos e da circulação, há somente a guilhotina com gradil vertical externo, em madeira (f29) e, na cozinha, janela de abrir internamente.



25



26



27



28



29

O telhado, em ponto alto, com telha de capa e bica expressa movimento excessivo ditado por suas várias águas e alturas (f30), mantendo beiral encachorrado e arremate de friso em madeira, tipo dente de serra (f31), com a cobertura do bloco de serviços evidenciando o ponto mais baixo (f32).

O sistema construtivo tradicional está assentado sobre baldrame de pedra, com vedação de paredes de pau-a-pique, e gaiola estrutural de madeira composta por pilares, frechal, madres e barrotes. Uma calçada de cimento circunda a edificação e, no porão, seteiras irregulares fazem a ventilação (f33).

Internamente, o assoalho em tabuado largo de madeira está muito bem conservado, com destaque para o recorte central, na sala de visitas (f34). Foi usado o piso de ladrilho cerâmico nos banheiros, copa, cozinha, circulação, lavanderia e pátio interno, e ardósia na cozinha do fogão a lenha e anexo.

Azulejos decorados fazem o barrado do pátio, forrando toda a parede na copa/cozinha e apenas meia parede nos banheiros.



30



31



32



33



34

O forro em saia-e-camisa com friso tipo dente de serra está presente em todos os cômodos, excetuando-se a cozinha do forno a lenha e o antigo alambique, cuja cobertura é em telha vã.

Um apêndice construído, formado pelas áreas de serviço e casa de caseiro junto a casa-sede, deu ao casarão o arremedo de um formato de “L” invertido (f35). Interiormente, no centro da edificação, há um pátio descoberto, espaço do antigo jardim (f36), configurando um prisma que proporciona ventilação e iluminação para as salas de estar, de jantar e escritório, mantendo portas de verga reta, com duas folhas cegas e bandeiras com caixilhos de vidro colorido como os das janelas. As portas da cozinha e circulação são duplas e a da sala-de-estar para a circulação é dobrável.

O espaço de lazer possui um jardim com jovens palmeiras imperiais, sendo construções recentes a churrasqueira com cobertura sobre pilares (f37) e o salão de jogos, de alvenaria (f46), com o telhado de capa e bica, forro saia-e-camisa, piso de “lajotão” e esquadrias como as do casarão (f38 e f39), possuindo varanda, depósitos e banheiro.



35



36



37



38



39

Um antigo tanque em pedra, de banhar animais, fica atrás da casa de hóspedes (f40), que tem dois quartos e um banheiro. Segundo relato do Sr. Afonso Caetano, funcionário da fazenda que nasceu na região, neste local era a antiga casa de arreio, que foi toda reformada, bem como o alambique era o antigo moinho de fubá e depois moinho de força, acrescentando que chegou a conhecer o alpendre com cobertura de telha de cerâmica, na chegada da casa-sede.

São inúmeras e muito bem cuidadas as construções de apoio às atividades rurais, com caminhos revestidos com placas de bloquete, interligando-as. As edificações em alvenaria têm coberturas em telhas cerâmicas, de amianto e metálica (f41). O alambique é um complexo à parte, com várias edificações específicas para a produção e armazenamento da cachaça, tipo exportação (f42 e f43).



40



41



42



43

A casa-sede é tratada com muito esmero, tendo sido totalmente reformada há cerca de 20 anos. Seu telhado, restaurado, protege as paredes externas, que apresentam alguns pontos de sujidade, havendo também, no embasamento, pontos de infiltração descendente e ascendente localizados nos fundos, na circulação voltada ao jardim (f44), na cozinha (f45), na fachada principal e no pátio interno (f46), sendo que esse espaço recebeu indevidamente uma meia cobertura com telha de amianto (f47). O piso do patamar de chegada revela afundamento (f48).

As esquadrias estão bem conservadas, mas os caixonetes da porta da cozinha (f49) e a portada principal apresentam deterioração e há descolamento da pintura, pela ação das intempéries, nas janelas laterais (f50). O forro do vestíbulo e de um dos quartos, junto à sala de jantar, apresenta trincas (f51). Há nas paredes do escritório (f52) e no *hall* da cozinha para exterior (f53), visíveis infiltrações. Na circulação, chama a atenção o forro que acompanhou a meia água do telhado, obstruindo a bandeira da porta interna da sala-de-estar (f54).



44



45



46



47



48



49



50



51



52

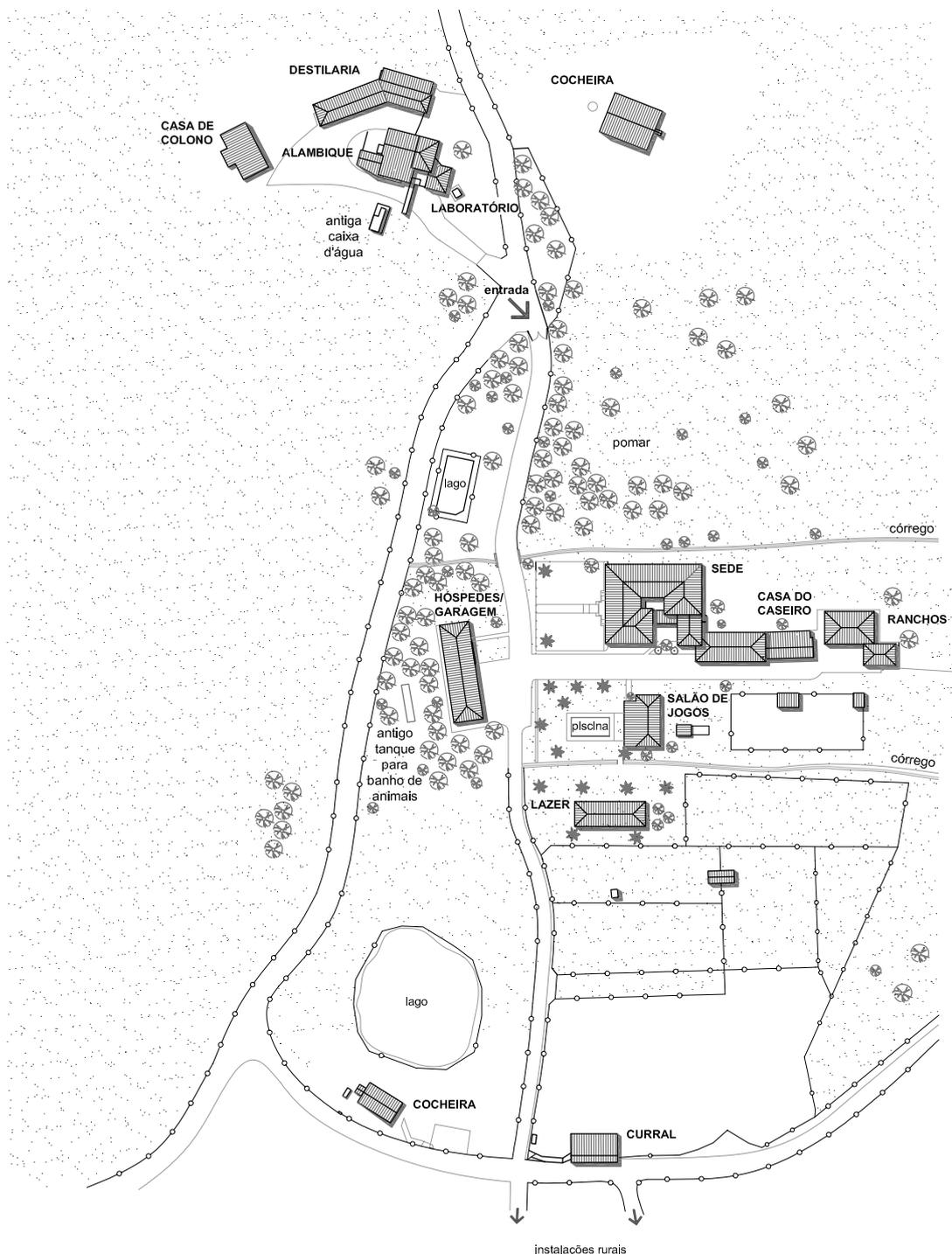


53



54

# FAZENDA SANTA BÁRBARA



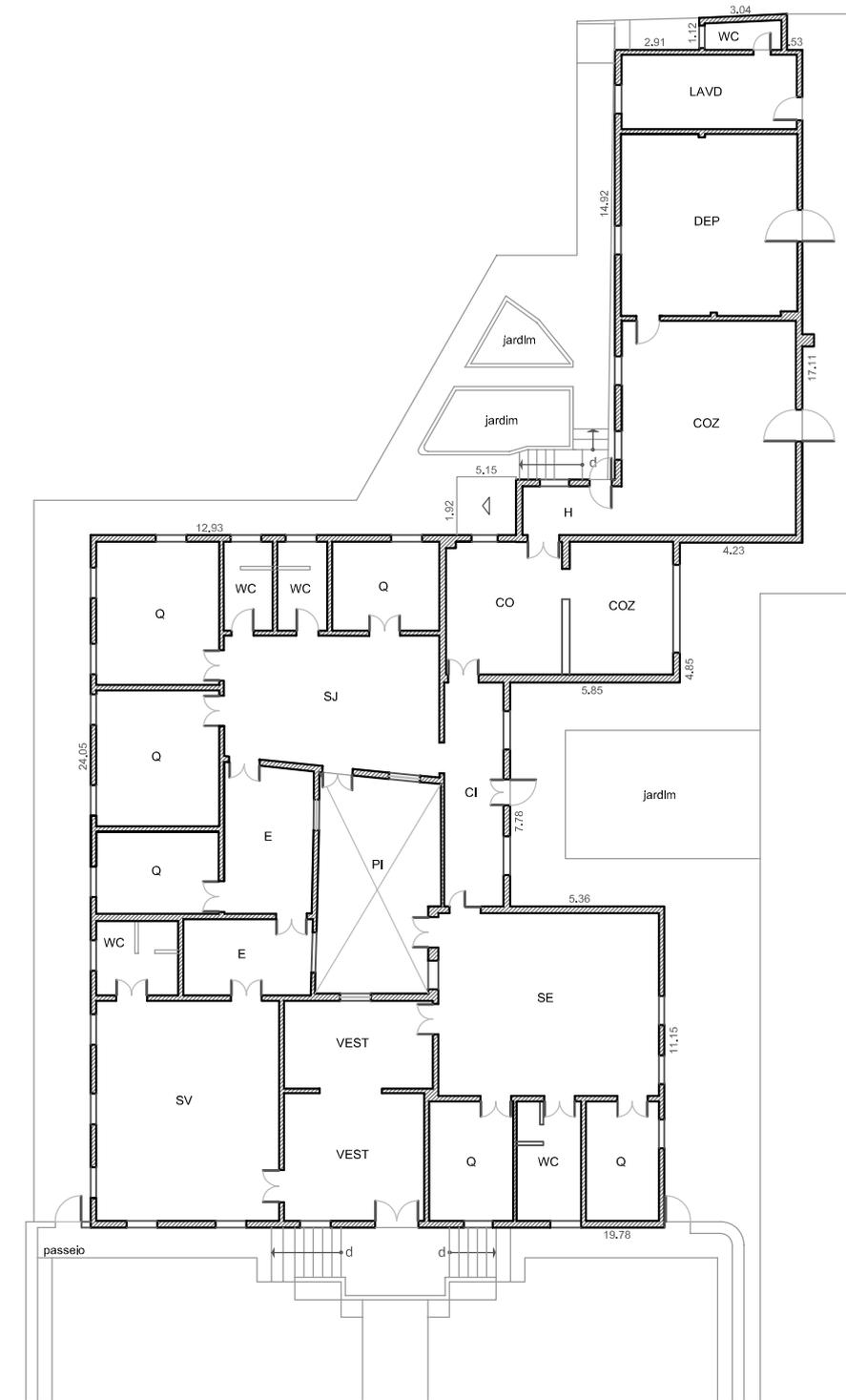
1

## Implantação

escala: 1/1750



**FAZENDA SANTA BÁRBARA**



1

**Planta Baixa da Sede**

escala: 1/250



CI - circulação	COZ - cozinha	E - escritório	LAVD - lavanderia	Q - quarto	SJ - sala de jantar	VEST - vestíbulo	alvenaria existente
CO - copa	DEP - depósito	H - hall	PI - pátio Interno	SE - sala de estar	SV - sala de visita	WC - banheiro	alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIII - F21 - Val

**2/2**

equipe: Sonia Mautone Rachid / José Roberto Mendes / Marcos Vinícius	desenhista: Marcos Vinícius Silva Gomes	revisão: Francyla Bousquet	data: mar 2009
---	--	-------------------------------	-------------------

Embora instaladas em sesmarias originalmente distintas, a vida desta fazenda durante uma parte significativa do século XIX esteve ligada à Fazenda São Lourenço, ambas na região da antiga aldeia do “Conservatório de Santo Antônio”, no atual distrito de Conservatória, em Valença<sup>1</sup>.

A sesmaria de São Lourenço foi concedida ao coronel Lourenço Antônio do Rego – daí o nome da mesma – na passagem da primeira para a segunda década do século XIX e a fazenda, com o mesmo nome, já se encontrava ali instalada e com cultura de café antes de 1833<sup>2</sup>. Esta sesmaria, embora com perímetro um pouco irregular – não exatamente um quadrado, como normalmente eram as sesmarias concedidas na época – tinha, entretanto, uma área equivalente à de uma sesmaria padrão na região, 225 alqueires geométricos<sup>3</sup>.

A sesmaria de Santa Bárbara, também da mesma época e de formato regular – “sesmaria de ½ légua em quadra<sup>4</sup>” – e com área semelhante à anterior, foi concedida a Francisco Pereira de Mesquita e tomou o número 28 em um mapa de 1814<sup>5</sup>.

Ao lado dela – com o número 29 e com as mesmas características – existia a sesmaria de José Jerônimo Pereira de Mesquita, filho de Francisco<sup>6</sup>, que a havia requerido para ele, menor de idade. Com o falecimento do pai e como a sesmaria não deve ter sido demarcada/ocupada como mandava a lei, para evitar o risco de perdê-la foi novamente requerida, por volta de 1825, por Lourenço Antônio do Rego, na qualidade de testamenteiro de Francisco e de tutor de José Jerônimo (que ainda menor de idade) e concedida por ordem do imperador, D. Pedro I, em 1827<sup>7</sup>.

Entretanto, esta sesmaria, que passou a chamar-se São Jerônimo, tinha o formato de um polígono irregular, que ocupava apenas parte do “quadrado” da original sesmaria 29 e, mais do que isso, suas terras invadiam parte do “quadrado” da sesmaria 28, que fôra do pai de José Jerônimo, o que só não se constituiu em um problema fundiário pelo fato das terras invadidas já pertencerem ao mesmo sesmeiro, por herança paterna. Todavia, em termos de área física, o somatório das duas sesmarias ficou um pouco menor que os 450 alqueires que seria o total das duas. Isso ocorreu, pois, em 1827, apenas poucos anos depois da concessão das sesmarias originais, já não havia mais terrenos “devolutos” na região por conta da avalanche cafeeira que ocupou – muito rapidamente e em grande parte por conta do “instrumento” da posse, além de negócios regulares – todas as terras disponíveis.

Em 1841, a situação das terras em discussão já apresentava situação diferente: a sesmaria de São Lourenço (que, embora mantendo as feições físicas originais, não mais pertencia ao primeiro sesmeiro), junto com a sesmaria de Santa Bárbara (esta com perímetro e área física diferentes da original, embora ainda com o mesmo dono), constituíam uma só propriedade com o nome de fazenda São Lourenço, e pertencia a Manoel Correa de Aguiar e a José Jerônimo Pereira de Mesquita<sup>8</sup>.

Reafirmando o comentado em relação à ocupação rápida e desenfreada das terras para o cultivo do café, enquanto as sesmarias 28 e 29, originais em 1814 (ver nota 5), contavam basicamente com seis confrontantes, a fazenda São Lourenço (São Lourenço + Santa Bárbara), cujo perímetro já apresentava vários “recortes”, contava com 12 confrontantes, dos quais poucos eram os sesmeiros originais ou descendentes deles. Além disso, as terras do “Conservatório de Santo Antônio”, que foram destinadas ao aldeamento dos índios Araris (ver nota 1) e que faziam divisa com um dos lados da sesmaria original de São Lourenço, já estavam “ocupadas” por quatro fazendeiros.

Em 1875 um processo judicial (depois descontinuado) por conta de um litígio entre os irmãos<sup>9</sup>, José Ribeiro de Carvalho<sup>10</sup> – proprietário de parte da fazenda São Lourenço por herança paterna – e Anna Elisa de Carvalho Gomes – dona com seu marido, tenente Joaquim Alves Gomes<sup>11</sup>, e outros, da fazenda Santa Bárbara – indica que, nessa época, já estavam separadas as duas propriedades.

Resolvida a questão, pouco mais à frente vamos encontrar Santa Bárbara pertencendo ao coronel Adolpho de Carvalho Gomes<sup>12</sup>, filho de Anna Elisa e Joaquim Alves Gomes e neto materno do velho Cajuru.

Existia, a 600m da Fazenda Santa Bárbara, uma parada e um desvio ferroviário que tomou o nome de “Desvio Gomes” em homenagem ao coronel Adolpho C. Gomes. Nele eram deixados vagões da Estrada de Ferro de Santa Isabel<sup>13</sup> – que fazia o trajeto Barra do Piraí, Santa Isabel, passando por Conservatória e, posteriormente, também pelas terras mineiras – que eram recolhidos na volta, já carregados com as sacas de café da Fazenda Santa Bárbara<sup>14</sup>, conduzidos a Barra do Piraí, distante 30 km, e daí ao Rio de Janeiro.

Lá pelo final da primeira década do século XX, a fazenda pertencia ao Coronel Lindolpho Ribeiro de Assis Paiva, proprietário de várias fazendas na região<sup>15</sup>.

A Fazenda Santa Bárbara, quando da visita (pelo autor deste histórico, Roberto Guião de Souza Lima) em 1988, ainda mantinha algumas construções da época do café, adaptadas ao lazer da família proprietária. Na ocasião, a casa-sede, singela, mas muito bem conservada, ostentava vidros coloridos, verdes e vermelhos, formando, com os demais vidros transparentes, desenhos simétricos em suas janelas tipo guilhotina. Uma pequena escada com degraus de pedra pelos dois lados dava acesso à porta da casa na sua fachada principal. O desnível do terreno formava um porão baixo pela lateral esquerda da casa e o interior abrigava mais de 20 cômodos ao redor de um pátio interno.

Assim nasceu, cresceu produzindo muito café, e viveu a fase da pecuária leiteira, a Fazenda Santa Bárbara, hoje preservada na simpática casa-sede. Parceira dela, a pequena plataforma do Desvio Gomes, às margens da rodovia asfaltada que ocupou o leito da ferrovia, relembra aos viajantes o glorioso passado cafeeiro (f55).



Fazenda Santa Bárbara, s/a, s/d, acervo do proprietário

54

<sup>1</sup> Com o objetivo de “conservar” (aldear) os índios Araris, o aldeamento foi fundado em 1820, como filial da aldeia de N. S. da Glória (Valença), instalada em 1803. Posteriormente, foi criado o curato de Santo Antônio do Rio Bonito, elevado a freguesia em 1839, depois, na República, distrito de Rio Bonito e atualmente Conservatória, a já bastante conhecida e visitada “cidade da seresta” ou, para os moradores mais “ufanistas”, a “capital da seresta”.

<sup>2</sup> Data constante de uma cópia ampliada da planta da sesmaria, que se encontra em uma sala da casa-sede desta fazenda.

<sup>3</sup> Cada alqueire geométrico, ou mineiro, tem uma superfície de 48.400 m<sup>2</sup>, ou 4,84 hectares, cada um com 10.000m<sup>2</sup> (cerca de 1,4 campos de futebol de 70 m x100 m).

<sup>4</sup> Cada légua mede 6.660m, logo “1/2 légua em quadra” significa uma área quadrada com 3.300 m de lado.

<sup>5</sup> Mapa topográfico das sesmarias do coronel Joaquim José Pereira de Faro e seus filhos (registra também outras sesmarias de Dorândia), em 1814 (a data pode ser 1818, que é a mencionada em outros documentos que se referem às concessões das sesmarias em tela).

<sup>6</sup> Sargento-mor, negociante e capitalista de grande crédito na praça do Rio de Janeiro e tio do Marques de Bonfim, José Francisco de Mesquita, a quem ajudou muito no início da vida.

<sup>7</sup> Carta de sesmaria passada em nome de José Jerônimo Pereira de Mesquita, em 7 de março de 1827.

<sup>8</sup> Conforme constante de um processo judicial de “aviventação dos rumos” que os proprietários da fazenda moveram contra dois posseiros instalados em suas terras (Cartório do 2º-Ofício de Valença, processo N<sup>o</sup>14, de 1841).

<sup>9</sup> Filhos do 1º Barão de Cajuru, João Gualberto de Carvalho, falecido em 1869.

<sup>10</sup> José Ribeiro de Carvalho era casado com Luiza Leite Ribeiro, filha de Francisco Leite Ribeiro e neta do famoso Comendador Anastácio Leite Ribeiro, um dos mais importantes fazendeiros locais e benemérito de Conservatória e de Valença. A demanda com a irmã Anna Elisa era porque esta, e o marido, donos de Santa Bárbara (junto com outros parentes), ocupavam uma parte das terras de São Lourenço, embora admitissem isso. Em contra partida, o irmão, dono de São Lourenço, também admitia que ocupasse terras da irmã e do cunhado em Santa Bárbara.

<sup>11</sup> Joaquim Alves Gomes (ou Gomes Alves, como registram alguns historiadores) era filho de Manoel Alves Gomes, dono da sesmaria de São Manoel, que houve por compra de Custódio Ferreira Leite, o Barão de Aiuruoca, irmão do Comendador Anastácio (ver nota 10). Nessa sesmaria foi fundada a Fazenda Mato Dentro, contígua à Fazenda Santa Bárbara.

<sup>12</sup> O Coronel Adolpho era sócio com o irmão, engenheiro Alfredo de Carvalho Gomes, da empresa agrícola “Carvalho Gomes & Filhos”, com várias fazendas na região de Conservatória, Ipiabas e Dorândia. A eles pertenceram, em conjunto ou de forma isolada: São Lourenço, Santa Bárbara, São José (Conservatória); Monte Alto, Santa Tereza, Ribeirão Frio (Dorândia); Ibitira, São João da Prosperidade, São José das Pedras (Ipiabas); Vargem de Sant’Anna (ou Loanda?), Vargem Alegre (Depoimento do Coronel Bento David Gomes, filho do segundo casamento do Coronel Adolpho de Carvalho Gomes com D. Emilia David. Fazenda Ribeirão Frio, Dorândia, 27.03.2005. O Dr. Alfredo de Carvalho Gomes, era casado com Virginia Ramos, neta do Barão de Almeida Ramos.

<sup>13</sup> Depois Viação Férrea Sapucahy e, posteriormente, quando encampada pelo Governo da República, Rede Mineira de Viação, com os trilhos já ultrapassando os limites da província fluminense. A RMV foi descontinuada em 1961.

<sup>14</sup> Certamente era também ali embarcado o café de outras fazendas vizinhas como, possivelmente, a Fazenda Mato Dentro, 2 km pela direita de quem chega ao “Desvio”, e Juréa, 5 km pelo lado oposto, lado de Santa Bárbara.

<sup>15</sup> O Coronel Lindolpho era dono da Fazenda São Joaquim das Ipiabas, com interessante sede, e da Fazenda São José das Pedras. Dizem que as terras dele iam até a margem esquerda do rio Paraíba, em Barra do Pirai. Segundo a historiadora barrense, Anna Maria Slobada Cruz, na Fazenda Santa Bárbara nasceu, em 27 de novembro de 1916, Olga de Assis Paiva que viria a ser a primeira médica de Barra do Pirai, formada em 1945, e era a quarta filha do Coronel Lindolpho e de D. Julia de Assis.

## Fontes:

Carta de sesmaria passada a Jose Jerônimo Pereira de Mesquita em 7 de março de 1927 pelo imperador D. Pedro I. (Eletro cópia autenticada pertencente ao acervo do coronel Bento David Gomes, Fazenda Ribeirão Frio. Dorândia, março de 2005.

CRUZ, Anna Maria Slobada. *Dra Olga de Assis Paiva, a primeira médica de Barra do Pirai*. Barra do Pirai: Jornal Caderno Especial, fevereiro de 2006.

Fotografia autenticada. *Mapa topográfico das sesmarias do coronel Joaquim José Pereira de Faro e seus filhos (registra também outras sesmarias de Dorândia), em 1814*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

Guia Verde Michelin do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Julho de 1992.

IÓRIO, Leoni. *Valença de ontem e de hoje*: 1789-1852. Valença: Editora Jornal de Valença, 1ªedição, 1953.

LIMA, Roberto Guião de Souza. *ARQUIVO RGSL*. Volta Redonda: 1979-2009.

\_\_\_\_\_ e JANNUZZI JR, Fernando Antonio Ielpo. *Fazenda São Lourenço*. Rio de Janeiro: Colégio Brasileiro de Genealogia, 2000.

MUNIZ, Célia Maria Loureiro. *Os donos da terra, um estudo sobre a estrutura fundiária do Vale do Paraíba fluminense, no século XIX*. Niterói: UFF, dissertação de mestrado, 1979.

NOVAES, Adilson Adriano dos Reis. *Valença: terra dos Coroados*. Valença: Revista Chafariz, agosto de 2003.

PIRES, Fernando Tasso Fragoso. *Antigas fazendas de café da província fluminense*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.